

## ROTEIRO PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE LITERATURA E VIOLÊNCIA NO BRASIL

*Jaime Ginzburg (DLCV)*

Este texto consiste em um roteiro para estudantes interessados em refletir sobre relações entre literatura e violência no Brasil. Trata-se de um roteiro introdutório e breve, que constitui uma etapa inicial para a compreensão desse tópico. Além disso, é um roteiro sugestivo, que pode ser reelaborado e adaptado de acordo com as expectativas de cada leitor.

Fortunato, personagem de *A causa secreta*, conto de Machado de Assis publicado em 1885, é central para começar reflexões sobre esse tópico. Em uma cena da narrativa, Fortunato mutila, queima e mata um rato. O médico Garcia observa a cena. O narrador descreve a ação afirmando que Fortunato estaria sentindo “tão-somente um vasto prazer, quieto e profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma cousa parecida com a pura sensação estética”. O tempo de duração do ato expressa o interesse de Fortunato em estender a contemplação, à revelia da intervenção de Garcia pedindo que matasse o animal “logo”.

Antes dessa cena, o narrador conta que Fortunato tinha “singular interesse” em uma peça de teatro, um dramalhão “cosido a facadas” com “lances dolorosos”. Relata também que ele serviu como um criado ajudando em curativos de um homem, atingido pela violência de uma “malta de capoeiras”. Esses eventos levam a interpretar Fortunato como um personagem caracterizado pelo interesse em contemplar formas de sofrimento. O ato de estender a mutilação de um rato deliberadamente poderia expressar crueldade. Na parte final do conto, a contemplação do sofrimento é associada à doença de sua esposa, Maria Luísa.

*A causa secreta* permite refletir a respeito das condições em que se fundam os comportamentos violentos. A destruição de um rato não é equivalente ao assassinato de um ser humano. Mesmo assim, algumas ponderações podem ser feitas, levando em conta a caracterização deste personagem. O que levaria alguém a sentir prazer contemplando o sofrimento de um ser vivo? Uma leitura apressada poderia recorrer, incorretamente, a uma compreensão simplista ou estereotipada, e Fortunato poderia

ser descrito como um homem insano ou irracional. Porém, essa leitura apressada perderia de vista a complexidade da narrativa.

A narrativa inclui cenas com Fortunato, e além disso, observações sobre como Garcia percebe as ações de Fortunato. Como leitores, acompanhamos a constituição de um antagonismo entre uma percepção positiva inicial (Fortunato seria capaz de “um ato de rara dedicação”) para uma percepção crítica (Garcia entende que Fortunato obtém uma “sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo desse homem”). Com a modificação do modo de compreender Fortunato, uma questão se coloca. O episódio referente ao curativo não seria uma prova de apoio desinteressado, mas sim de um prazer na observação do sofrimento. Porém, para aqueles que não tivessem a percepção a que Garcia teve acesso, a imagem pública de Fortunato poderia permanecer positiva. A imagem social de um homem generoso que se dispõe a ajudar outro, que está ferido, não se sustenta diante da evidência de um gozo na crueldade. Essa evidência, no entanto, aparece no espaço privado da casa, e não no espaço público.

Para estudar as relações entre violência e literatura, é muito importante o estudo de narradores. Não é suficiente caracterizar Fortunato ou compreender o enredo do conto. É necessário também analisar a construção do foco narrativo e observar o vocabulário adotado pelo narrador para descrever situações. Em *A causa secreta*, é preciso observar: as ações de Fortunato; as reações e percepções de outros personagens, diante dessas ações; os modos como o narrador articula ações de Fortunato e percepções de outros, em especial de Garcia, sobre elas. Se aceitarmos a hipótese de que Fortunato é um personagem cruel, o conto oferece elementos para um distanciamento crítico, mostrando como Garcia se distingue de Fortunato. O fato de que Garcia não vivencia o mesmo prazer diante da mutilação do rato permite ao leitor comparar diferentes perspectivas com relação à crueldade. Isso significa que o conto não é, em si mesmo, uma defesa do comportamento de Fortunato. O acesso ao pensamento de Garcia, propiciado pelo narrador, é importante para que o leitor possa examinar um comportamento cruel através de diferentes ângulos, que não se conciliam.

Outro personagem central para estudar relações entre literatura e violência é Paulo Honório, protagonista do romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, publicado em 1934. Em uma cena desse romance, o protagonista espanca um de seus

empregados, Marciano. Um diálogo entre Paulo Honório e sua esposa, Madalena, expõe as diferentes percepções do ato violento.

Madalena caracteriza esse ato como “horrrível”. Ela interroga: “- Como tem coragem de espancar uma criatura daquela forma?”. Paulo Honório não apresenta empatia com relação ao sofrimento de Marciano, e nem mesmo respeito pela vítima de sua agressão. A esposa, por outro lado, condena o ato violento. Esse antagonismo pode despertar, na leitura, um distanciamento crítico. O diálogo entre os personagens expõe o confronto entre duas maneiras de lidar com a violência.

Assim como em Machado de Assis, é muito importante considerar, ao estudar Graciliano Ramos, a construção dos narradores. Em *São Bernardo*, o narrador é o próprio protagonista, Paulo Honório. A percepção dos acontecimentos é estabelecida a partir dos modos específicos pelos quais o personagem compreende o que ocorre. E não se trata, de modo algum, de um personagem monolítico: ele se transforma ao longo do relato, sofrendo o impacto, por exemplo, do suicídio da esposa.

Em *São Bernardo*, é o personagem capaz de espancar sem culpa que relata a estória. Isso é particularmente importante no caso do diálogo sobre o espancamento. Graciliano Ramos construiu uma situação em que o confronto vivo entre duas maneiras de pensar, uma favorável e outra contrária à violência, corresponde a um dos elementos fundamentais para as transformações da narrativa. Se um leitor estabelecer uma identificação com Madalena, e pensar de modo contrário à legitimação da violência, ele pode criar um movimento de leitura crítica do livro, associando a disposição para o espancamento a outros traços do protagonista, como seus interesses ligados à sua situação econômica.

As expressões utilizadas por Madalena diante do caso – “Que barbaridade!” e “Bater assim num homem!” – acentuam o senso de indignação diante do ato do marido. Ao mesmo ato são atribuídas significações diferentes, respectivamente, pelos dois personagens. Diante desse conflito, o leitor pode refletir e tomar suas próprias posições. Cabe destacar que, nessa situação, o conflito não encontra conciliação.

Estudantes interessados em estudar relações entre violência e literatura devem considerar que a violência pode ser entendida como um tema abordado por obras literárias. Cenas de ação violenta, como, por exemplo, o episódio em que Paulo Honório espanca Marciano em *São Bernardo*, constituiriam evidências da presença desse tema. Um estudo consistente, no entanto, não deve ser restrito à identificação de um tema.

Em termos metodológicos, são importantes os seguintes procedimentos:

- (a) Examinar como, em cada obra específica, esse tema se relaciona com outros temas apresentados. Por exemplo: de que maneira a ação violenta de Paulo Honório se relacionaria com seu casamento? Paulo e Marciano estão em posições sociais e econômicas diferentes; em que medida essa diferença está ligada ao ato violento? E assim por diante. Na literatura brasileira, constantemente, a violência se relaciona com temas associados a imagens do corpo humano, em um arco que vai desde a sexualidade até a tortura e a morte. Em algumas obras, a violência comparece como processo coletivo, ligado a movimentos sociais ou ações de Estado. Outro horizonte importante é a ligação entre violência, perda e melancolia.
- (b) Estudar a forma da obra, e observar relações entre temas e aspectos formais. Para entender a constituição de uma obra literária, é importante compreender como esses dois componentes se articulam esteticamente. Em textos líricos, a análise de imagens é fundamental; pode ser importante examinar figuras de linguagem, vocabulário, assim como a constituição do sujeito lírico. Em textos de dramaturgia, a caracterização do espaço cênico, a construção de conflitos em diálogos entre personagens, e as características específicas de cada personagem podem ser fundamentais. Foi mencionada, anteriormente, a análise dos narradores. Nos casos de estudos de narrativas, o estudo do ponto de vista é decisivo, pois o vocabulário adotado pelo narrador está associado às maneiras pelas quais cada leitor pode interpretar os eventos narrados. Pode ser decisivo reconhecer se um narrador opina sobre os acontecimentos que expõe; se ele muda de opinião ao longo da narrativa; se demonstra dúvidas ou incertezas. Personagens podem ser agentes ou vítimas de violência, ou ainda atravessar essas duas vivências. Espaços podem ser hostis e motivar atos violentos. Em relatos de guerra, a análise do tempo narrativo pode ser fundamental para compreender o impacto dos acontecimentos violentos.
- (c) Considerar as relações entre obras literárias e suas condições de produção pode ser muito importante. Em pesquisas sobre violência e literatura, interpretações de obras frequentemente incluem elementos ligados aos respectivos contextos em que as obras foram publicadas. É importante estudar as condições em que índios foram destruídos por portugueses, no período

colonial, para realizar um estudo detido das imagens que legitimam violência no poema épico *De Gestis Mendi de Saa*, de José de Anchieta, escrito em 1563, que homenageia Mem de Sá. Sem essa contextualização, uma leitura apressada pode aderir à perspectiva, indicada no texto, de que índios deveriam de fato ser mortos. Esse juízo poderia ser estendido, partindo da leitura de Anchieta, por parte de um leitor insuficientemente informado, para uma construção de uma imagem positiva do passado colonial, em favor das ações portuguesas. No entanto, ao ler essa obra na atualidade, é importante considerar conhecimentos atualizados de história e antropologia. Se assim pensar, o leitor poderá ter clareza com relação às diferenças entre o que poderia estar ocorrendo (de acordo com diferentes perspectivas) no processo colonial e o que é encenado na representação épica de Anchieta. A atenção a informações e debates referentes ao passado é fundamental para o estudo de obras ligadas a eventos históricos, como Canudos; a processos de longa duração, como a escravidão; a regimes autoritários (o Estado Novo, a Ditadura Militar); e ainda à violência urbana contemporânea, entre outros horizontes contextuais.

Além das obras anteriormente citadas, outros textos literários brasileiros podem ser estudados, levando em conta relações entre literatura e violência. Entre as muitas possibilidades, dentro de diferentes contextos culturais e em diversos gêneros textuais, sugiro algumas obras, a seguir.

- **O navio negreiro**, de Castro Alves (1868) – O tráfico de seres humanos, da África para o Brasil, foi abordado pelo poeta com imagens que indicam a sujeição dos capturados à violência, incluindo uma referência a crianças que, sendo amamentadas, são regadas pelo sangue de suas mães.
- **Memórias póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis (1881) – Neste romance, o personagem Quincas Borba expõe suas ideias sobre o humanitismo. De acordo com essa teoria, a guerra tem uma função positiva, e a dor é uma ilusão. Na mesma obra, no capítulo “O vergalho”, é abordada a violência do sistema escravocrata. A caracterização de Prudêncio é muito importante para refletir criticamente a respeito desse

sistema. Um texto decisivo para pensar sobre a escravidão brasileira é o conto *Pai contra mãe*, do mesmo autor.

- **Os Sertões**, de Euclides da Cunha (1902) – No capítulo *A luta*, a narrativa remete à violência do massacre de Canudos. O estudo dessa obra, caracterizada por uma mistura de gêneros textuais, permite refletir a respeito de categorias como civilização e barbárie.
- **O boi velho**, de Simões Lopes Neto (1926) – O conto aborda o abate de um boi em uma fazenda. O narrador se refere ao ser humano como “bicho mau”, em razão do sofrimento vivenciado pelo animal. A maneira como é narrada a reação do boi ao corte de faca permite uma reflexão sólida sobre o impacto de uma ação destrutiva.
- **A rosa do povo**, de Carlos Drummond de Andrade (1945) – O livro contém poemas que desenvolvem percepções críticas de elementos vinculados à Segunda Guerra Mundial e ao Estado Novo, e elabora imagens associadas a perdas individuais e coletivas.
- **Infância**, de Graciliano Ramos (1945) – Nesta narrativa de memórias, no capítulo *Um cinturão*, o menino é agredido fisicamente por seu pai. É possível propor uma reflexão histórica e ética sobre a obra, levando em conta o comportamento do pai e a reação do filho. *Memórias do Cárcere*, do mesmo autor, é também uma leitura fundamental.
- **Grande sertão: veredas**, de Guimarães Rosa (1956) – O narrador deste romance, Riobaldo, expõe episódios referentes à sua vida como jagunço no sertão brasileiro. Dois episódios referentes a atos de violência são decisivos para o romance: a morte de Joca Ramiro e o confronto entre Diadorim e Hermógenes. O livro permite refletir sobre condições em que a violência é exercida. Com relação à presença da violência em narrativas de Rosa, cabe lembrar o conto *A hora e a vez de Augusto Matraga*.
- **Carta ao ministro da educação**, de Clarice Lispector (1968) – Nesta crônica, produzida durante a ditadura militar, incluída no volume *A descoberta do mundo*, a escritora fala da dificuldade que estudantes teriam, diante do risco de serem alvo de violência por parte do Estado, para protestar contra medidas adotadas no campo da educação. Cabe destacar aqui outra crônica da autora, o texto *Mineirinho*, que aborda

diretamente a violência. A autora redigiu contos que se relacionam com o tema da violência, como, por exemplo, *A solução*.

- **Lavoura arcaica**, de Raduan Nassar (1975) – Neste romance sobre uma família, a autoridade exercida pelo pai se associa a um ato de violência, no final da narrativa. A estória expõe relações entre André, o protagonista, e outros membros da família.
- **Barrela**, de Plínio Marcos (1958) – A peça de teatro, proibida por 21 anos, tendo como cenário “um xadrez onde são amontoados os presos que aguardam julgamento”, tem como um de seus momentos principais uma luta corporal entre os personagens Tirica e Portuga. Em um contexto de confinamento, vários diálogos da peça são caracterizados por agressividade e tensão.
- **Em câmara lenta**, de Renato Tapajós (1977) – Nesta narrativa produzida durante a ditadura militar, o ponto de vista é constituído a partir de posições de resistência à violência do regime. Cabe destacar uma longa cena de tortura de uma personagem feminina. O autor, que esteve preso no período, desenvolveu uma narração capaz de despertar forte impacto em leitores que tenham pouca familiaridade com o passado ditatorial brasileiro. No que se refere à memória da ditadura brasileira, é fundamental mencionar o livro de testemunho *Memórias do esquecimento*, de Flávio Tavares.
- **O monstro**, de Sérgio Sant’anna (1994) – O conto que dá título a este livro tem como protagonista um professor universitário. A narrativa é circunscrita por uma entrevista jornalística sobre as ações violentas desse homem, que estuprou e matou uma mulher. A presença da violência na literatura brasileira contemporânea é um campo de estudo amplo e diversificado. Além de Sant’anna, caberia mencionar diversos outros escritores cujas obras incorporaram, em temas e formas, elementos de violência. Entre eles, menciono Bernardo Carvalho, Bernardo Kucinski, Caio Fernando Abreu, Hilda Hilst, Ivan Ângelo, João Gilberto Noll, Luís Fernando Veríssimo, Luiz Alberto Mendes, Luiz Ruffato, Lygia Fagundes Telles, Marçal Aquino, Michel Laub, Paulo Lins, Renato Pompeu e Rubem Fonseca.

As obras citadas constituem um campo amplo, diversificado e motivador para o estudo de relações entre literatura e violência no Brasil. Esse estudo pode ser beneficiado por articulações com conhecimentos vindos de outras disciplinas. O conhecimento de trabalhos em áreas como História, Antropologia, Sociologia e Ciência Política pode contribuir para refletir sobre a violência no país. O cinema, cabe destacar, é um campo que tem despertado estudos atentos a imagens de violência.

É fácil, depois de ler essas indicações, observar como são significativas certas ausências. E o Basílio da Gama? E o Jorge Amado? Por que mais narrativas do que poemas? Além das obras mencionadas, muitos outros textos poderiam ser indicados aqui. Não há, no entanto, expectativa de totalidade; a listagem de exemplos exposta não é absoluta, completa ou definitiva, e nem pretende ser a melhor seleção possível. Este texto tem função didática e sugestiva, e não normativa. É esperado que, com o passar do tempo, estudos originais, rigorosos e consistentes, contribuam para qualificar debates sobre literatura e violência, permitindo reavaliar premissas do atual estado do conhecimento sobre o assunto no Brasil.

Nos últimos quinze anos, ocorreu uma expansão no interesse, por parte de pesquisadores da área de estudos literários no Brasil, pela articulação entre violência e literatura. Projetos foram desenvolvidos em diversas universidades, resultando em publicações e eventos sobre o assunto. Alguns pesquisadores, no âmbito de seus respectivos programas de Pós-Graduação, orientaram pesquisas em doutorado e mestrado, que ampliaram os horizontes de referências bibliográficas atualizadas. Além disso, têm ocorrido diálogos entre pesquisadores brasileiros e estrangeiros, resultando em constantes avanços na qualidade dos trabalhos acadêmicos nesse campo.

#### Referências bibliográficas

- ALVES, Castro. O navio negreiro. In: BUENO, Alexei, org. *Grandes poemas do romantismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- ANCHIETA, José de. *De Gestis Mendi de Saa poema epicum*. São Paulo: MEC, 1970.



- ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. In: \_\_\_\_\_. *Nova reunião*. Rio de Janeiro: Record, 1987. 2v.
- ASSIS, Machado de. A causa secreta. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V.2.
- ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1984.
- ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. V.2.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- LISPECTOR, Clarice. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- LISPECTOR, Clarice. A solução. In: \_\_\_\_\_. *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1987. 6 ed.
- LISPECTOR, Clarice. Mineirinho. In: \_\_\_\_\_. *A legião estrangeira*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1964.
- LOPES NETO, João Simões. O boi velho. In: \_\_\_\_\_. *Contos gauchescos*. Porto Alegre: Globo, 1976.
- MARCOS, Plínio. Barrela. In: \_\_\_\_\_. *Melhor teatro*. São Paulo: Global, 2003.
- RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 1984.
- RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1981.
- ROSA, Guimarães. A hora e a vez de Augusto Matraga. In: \_\_\_\_\_. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ROSA, Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.
- SANT'ANNA, Sergio. O monstro. In: \_\_\_\_\_. *Contos e novelas reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- TAPAJÓS, Renato. *Em câmara lenta*. São Paulo: Alfa Omega, 1977.
- TAVARES, Flávio. *Memórias do esquecimento*. Porto Alegre: L&PM, 2012.